

Reflexões sobre Espiritualidade na Comunidade

Richard H. Wangen

Escrevo este estudo dentro da época eclesiástica entre a semana santa e Pentecostes. Liturgicamente falando, esta é, sem dúvida, uma época muito significativa para o mundo cristão. A semana santa é precedida pelo tempo da quaresma. Lembro-me ainda, como criança, que a minha tia (que era católica romana) jejuava fielmente nas quartas e sextas-feiras. Nós, luteranos, deixávamos de lado algo de que gostávamos demais — como comer doces, dançar, fumar, etc. — e comíamos peixe na sexta-feira santa. Quando por acaso passávamos pela igreja católica durante a quarta-feira de cinzas, eu ficava impressionado com as marcas de cinza nas testas dos fiéis. Antes da Páscoa, nós crianças participávamos nos preparativos: havia as cores, a comida especial e talvez uma roupa nova. No domingo de manhã, tinha lugar a festa solene e alegre da Santa Ceia-Páscoa. Primeiro, todos (os adultos confirmados!) iam ajoelhar-se ao redor do altar para receber pessoalmente a absolvição dos pecados mediante a imposição de mãos do pastor. Depois, todos nós — mesmo as crianças — podíamos caminhar em procissão ao redor do altar; deixávamos ali a nossa oferta, que era seguida pela participação (só de adultos) extremamente solene na Ceia. Esta última era para mim um mistério empolgante.

Tempos idos — mas a saudade permanece! Por incrível que pareça, estas experiências e outras semelhantes me colocaram na “pista teológica” em que permaneço até hoje. A experiência religiosa levou-me à consciência da minha identidade como cristão. Embora eu tenha tentado analisar racionalmente a minha peregrinação espiritual, confesso que aquilo que me sustenta até hoje é a parte de minha personalidade que chamo de “intuitiva”. Este é um dos motivos por que o assunto colocado diante de nós neste estudo é a *espiritualidade*.

Falar sobre espiritualidade sempre é algo escorregadio e sujeito a más interpretações. Devido à dificuldade de definir com precisão a palavra “espiritual”, há muita hesitação em tratar o assunto, especialmente em círculos acadêmicos. No entanto hoje em dia, de todos os lados, as instituições eclesiásticas, as igrejas e o povo se interessam de uma maneira especial pelo assunto. No último ano houve encontros sobre espiritualidade entre professores de faculdade de teologia e também entre estudantes das mesmas. Parece que o avanço tecnológico no país incrementa o anseio pela espiritualidade!

Mas, ao final das contas, a preocupação não surge apenas dos círculos acadêmicos. Também as comunidades reclamam da falta de “espiritualidade”. Por isso convém refletir em conjunto sobre este assunto, pois o mesmo representa um aspecto central de nosso ministério. Não é algo que pode-

mos relacionar à margem do nosso trabalho pastoral sem correr o risco de comprometer o pastorado.

Uma vez que há várias maneiras de definir a espiritualidade, ofereceremos uma definição específica. Assim, o/a leitor/a compreenderá o nosso ponto de partida à medida em que refletimos acerca do assunto. Concordamos com Hermann Brandt quando ele diz que “em sentido cristão, espiritualidade não pode ser outra coisa do que o domínio do Espírito”¹. A seguir, ele prossegue dizendo: “se *espiritualidade nasce e é nutrida pela experiência do Espírito de Jesus Cristo, isto significa (...)*”. Brandt afirma que a espiritualidade é a *vivência da nossa fé* que é algo fora de nós e que será sempre crítica. A seguir, finaliza sua interpretação de Jesus Cristo com as seguintes palavras:

Espiritualidade a partir do Espírito de Jesus Cristo não tem uma finalidade em si mesma, mas é a vida dos agraciados imerecidamente. Só assim a espiritualidade cristã está livre em princípio e em definitivo de todo e qualquer legalismo. Justamente por isso ela é espiritualidade da libertação.²

Por causa da distorção pelagiana que a espiritualidade freqüentemente representou, quer para os católicos romanos quer para os fundamentalistas, Brandt argumenta em favor de uma espiritualidade que se desloque de “estar centrada em si mesma” para um serviço em favor dos outros — uma vez que a própria ação do Espírito é uma ação libertadora, e a tal ponto libertadora que somos efetivamente livres para oferecer nossas vidas em favor do nosso próximo.

A palavra-chave utilizada por Brandt, que é de nosso interesse em função do trabalho pastoral na comunidade, é “experiência” e “experimentamos”. Antes de prosseguirmos, deve ficar claro que não estamos pensando sobre a espiritualidade em termos gregos ou dualistas. Uma das grandes dificuldades que permeia a maior parte do pensamento religioso é a separação do material em relação ao espiritual. Este é o tipo de pensamento que dicotomiza nossas vidas. Em consequência disso, o fato de eu me sentir bem no culto do domingo nada tem a ver com o meu modo de trabalhar e me relacionar com as pessoas na segunda-feira. Já uma melodia de Taize apela: “Vem, Espírito criador”. Uma prece correta, pois o Espírito Santo “inspira” vida em nós e na criação de Deus. Vista desta maneira, a espiritualidade é um fator de unificação entre nossa fé e o trabalho que fazemos com a criação, seja qual for a nossa profissão.

Lembro vividamente de que fui convidado, em um de meus pastorados anteriores, para um café de oração. A pessoa que me convidou declarou-me imediatamente: “Nosso interesse neste encontro deve ser de cunho espiritual; portanto, não permitimos que os problemas de nossa vida profissional interfiram com nossa vida de oração!” Podemos naturalmente compreender a preocupação desta pessoa se soubermos que na semana anterior um dos líderes deste grupo, um corretor de imóveis, havia despejado uma

pobre viúva com suas crianças da casa onde moravam porque ela não podia pagar seu aluguel. Este é um exemplo de encontro religioso que pode ser completamente alienante, mas que teríamos dificuldades em designar como um encontro *espiritual*.

De maneira semelhante a esta, os documentos da “Conferência de Inteligência do Exército Americano” (CIEA)³ criticam severamente os teólogos latino-americanos pelo fato de misturarem preocupações materiais com preocupações espirituais. Dizemos mais uma vez que este é um exemplo de dicotomização da vida de fé. Aqui a ideologia militar claramente demonstra o seu interesse em usar meios religiosos para dominar o povo. Isso é evidentemente uma corrupção daquilo que entendemos por “espiritual” neste estudo!

Não obstante, isso nos conduz a um ponto importante em nossa discussão antes de passarmos a falar de espiritualidade na comunidade. A questão gira em torno da diferença entre espiritualidade e religiosidade. São ambas a mesma coisa? Podemos estabelecer uma divisão clara entre as duas? Esta é uma questão bastante difícil de responder. Contudo, se quisermos ser consistentes com a definição de espiritualidade apresentada por Brandt, teremos de considerar seriamente esta questão. Na verdade, a parte restante deste estudo irá girar em torno desta relação na tentativa de oferecer algumas respostas concretas para o trabalho pastoral na Igreja.

Entre os luteranos — e especialmente entre aqueles influenciados pela teologia barthiana — tem havido uma profunda suspeita em relação ao que chamamos de religião ou natureza religiosa. Os que estudaram Paul Tillich descobriram uma outra posição, mais compatível com o conceito de religião, que aparece no momento em que aquele fala de “preocupação última”. Por causa das limitações no tocante ao espaço, não será possível lidar de maneira mais profunda com estes dois conceitos. Também não será possível compará-los com os conceitos de teólogos da libertação. Isso tudo porque nossa preocupação envolve uma consideração mais prática da espiritualidade na Igreja.

No entanto, como nos atestam os documentos do CIEA³, a religião pode ser um fator poderosamente alienante e escravizador quando utilizada conscientemente para este propósito pela elite dominante. Mas estes mesmos elementos religiosos podem simultaneamente ser um fator libertador e tornar-se efetivamente espirituais.

Talvez seja necessário confessar que realmente inexistem linhas divisórias claras mediante as quais se possa separar o espiritual do religioso. Porém, podemos dizer que nem tudo que é espiritual é necessariamente religioso e que certamente nem tudo que é religioso é espiritual. Se sustentamos o conceito de espiritualidade oferecido por Brandt, três coisas irão se destacar:

(1) O Espírito Santo é livre; ele “sopra onde quer” (Jo 3.8). Não nos é permitido dizer que o Espírito não pode fazer uso de um determinado movimento religioso em favor de sua obra. Por meio da mesma imagem, não podemos garantir que um certo movimento tem a posse ou é um instrumento do Espírito Santo.

(2) Já que a obra do Espírito Santo é libertar as pessoas de maneira holística, podemos dizer que ali onde isto está sendo realizado há sinais do Espírito.

(3) Para o assombro dos teólogos, a presença do Espírito não pode ser investigada academicamente: a espiritualidade precisa ser experimentada. E isso acontece de acordo com o que Brandt diz: “Nós experimentamos, como renascidos, que não somos mais, não precisamos mais ser o centro de nós mesmos. Somos então livres para servir os outros”. Onde este serviço for evidente pode haver outro sinal.

A despeito disso, não podemos abandonar tão facilmente a questão da religião e da espiritualidade. Ainda que vivamos em uma sociedade que está sendo rapidamente secularizada, a natureza religiosa do povo não deve ser desprezada. Dizemos isso com todo o respeito a Dietrich Bonhoeffer, que anunciou que o tempo do *homo religiosus* havia passado. Eu concordo com o teólogo Urban T. Holmes III quando diz em seu livro pleno de discernimento intitulado *The Priest in Community*: “Eu creio que a humanidade é tão religiosa como sempre foi, mesmo que as possibilidades ambientais para a expressão de sua religião sejam confusas”²⁴. Ao falarmos da natureza religiosa do povo, é importante lembrar que anatomicamente o nosso cérebro está dividido em dois hemisférios: o hemisfério direito e o hemisfério esquerdo. O hemisfério esquerdo controla o lado direito do corpo e as funções analíticas e lógicas do pensamento. O lado direito do cérebro controla o lado esquerdo do corpo e as funções intuitivas, imaginativas, metafóricas e holísticas do pensamento. O lado direito ou intuitivo é o lado meditativo ou o lado que pensa religiosamente. A maior parte de nossos membros tende a favorecer o lado esquerdo de seu cérebro quando participam do culto. A questão, então, não é se acaso deveríamos ser lógicos e racionais ou imaginativos e criativos em nosso trabalho pastoral. Antes, ela é uma questão de *comunicação*, a saber: se nossos membros *estão experimentando* ou *querem experimentar* um sentimento religioso quando participam no trabalho da Igreja. Como pastores/as, precisamos ser capazes de corresponder, de modo que nossa gente possa *ouvir* (em um sentido holístico) a mensagem do Evangelho.

Isso também é teologicamente compatível com as formas bíblicas. As formas de comunicação utilizadas pela Escritura não são necessariamente racionais (nem são irracionais); antes, ela faz uso de categorias intuitivas ou holísticas para comunicar sua mensagem. Note-se o uso de poesia, metáforas, parábolas, curas e gestos físicos que é o modo essencial da comunicação bíblica. Todas estas formas são basicamente formas religiosas de comunicação.

Por esta razão, é bastante difícil fazer distinções claras entre a comunicação religiosa e aquela que chamamos de “espiritual”. Talvez possamos tornar a distinção mais clara se compreendermos a relação entre religião e espiritualidade como uma relação dialética. A espiritualidade cristã é um movimento, tanto pessoal quanto comunitário, “iniciado pelo Espírito San-

to em direção ao Deus transcendente-imanente que é intrínseco ao ser humano”⁵.

A esta altura, é importante compreender que a espiritualidade cristã faz uso dos instrumentos intuitivos da religião em prol de sua comunicação. Mas antes de passarmos a falar de fatores espirituais na renovação da vida da Igreja, precisamos compreender que “a espiritualidade é uma intencionalidade do ser humano, a realidade de que o ser humano é intencionado pela energia do Espírito Santo com vistas ao seu mais pleno desenvolvimento”⁶.

A fim de reduzir a possibilidade de distorção entre simples religiosidade e espiritualidade, as seguintes linhas de orientação poderão ser de auxílio:

(1) A espiritualidade é comunitária⁷. Neste sentido, ela contém uma forte lógica religiosa. Qualquer que seja o respectivo credo — seja ele umbandista, católico romano, luterano ou outro —, a base de sua crença é psicológica e sociologicamente comunitária, pois é a comunhão do grupo que torna a religião *plausível*.

Mas a comunidade também é a base para a fé cristã. É como Lutero explica em relação ao terceiro artigo do Credo: “Mas o Espírito Santo (...) chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra”⁸.

Além disso, também o ato de participação (*koinonia* em termos bíblicos) é de igual importância. Este fato é provavelmente a chave para a renovação da espiritualidade cristã. Falaremos mais acerca disso na aplicação prática desta consideração.

(2) A espiritualidade é sacramental. Não implico aí o sentido de “sacramentalista”. Costumo dizer aos estudantes de Clínica Pastoral que esqueçamos a importância do primeiro artigo do Credo. Aqui cito novamente a explicação de Lutero: “Creio que Deus (...) me deu”⁹. A criação foi dada para o benefício da humanidade: médicos, hospitais, florestas, plantações, água e tudo que se tem foi dado em prol da vida abundante (Jo 10.10). Se o ser humano abusou e mal-usou a graça da criação, isso é erro da humanidade, e não de Deus. A ecologia, em seu sentido total, deve ser espiritual a fim de dar o devido crédito ao Espírito Criador. A realidade divina só pode ser conhecida “em, com e sob o material”. Qualquer tentativa de separar o material do espiritual, ainda que seja uma distinção religiosa, nada tem a ver com a espiritualidade cristã.

(3) A espiritualidade é libertadora e feminista. A Teologia da Libertação fala de libertação integral, e acentua que esta libertação inclui libertação econômica e política sem ênfases indevidas no não-material. O fator feminista simplesmente se refere ao fato de que tal espiritualidade precisa promover a plena humanidade das mulheres tanto quanto a dos homens, e lutar pela igualdade de todas as pessoas na Igreja e no mundo. Tanto o Antigo como o Novo Testamento falam do Espírito como o motivador de uma ação profética. At 2.17 faz uso de Jl 2.28-32 para falar da ação profética do Espírito. Este aspecto profético significa “*interferência*”; interferência na forma com que as coisas se dão. O profeta torna-se alguém que interfere na injustiça. Como tal, a espiritualidade é sempre crítica.

(4) Por fim, a espiritualidade é escatológica. A comunidade espiritual tem um futuro! Este futuro é diferente da situação presente. A idéia de um novo céu e uma nova terra oferece esperança para a presente situação de opressão porque o modelo representado pelo reino de Deus oferece uma alternativa. A espiritualidade fomenta e promove uma consciência e percepção alternativas à consciência dominante que nos cerca. Neste sentido, a natureza escatológica da espiritualidade oferece *esperança*¹⁰ ao nosso povo e um estímulo para a luta por mudança e libertação. Erich Fromm afirma: aqueles cuja esperança é fraca se acomodam ao conforto ou à violência.

Assim, para concluir esta breve descrição da espiritualidade, percebemos que, corretamente entendida, a mesma é um fator transformador para o indivíduo e para a sociedade — e para a Igreja como instrumento de mediação ao mundo. Podemos resumir esta parte usando a definição que Samuel Amirtham deu em seu relatório na revista *Simpósio*, intitulado “Formação Espiritual e Educação Teológica”:

Finalmente, a espiritualidade cristã se relaciona com os fatos concretos deste mundo. Não é uma estratégia de escapismo para fora do mundo. Faz parte de sua essência — como se vê em Jesus que seguiu o caminho da cruz — estar no meio da vida e dos sofrimentos e lutas do mundo. Centraliza-se em Deus ao mesmo tempo em que se baseia na terra. Abre-se aos desafios da História e se mantém atenta aos clamores ainda não respondidos por justiça e paz. A vida cristã é vivida no poder do Espírito. Trata-se de uma vida integrada capaz de ser descrita como *vida de comunhão* com Deus e com o povo de Deus; *vida de compaixão* com todos os que sofrem pobreza e alienação; e *vida de combate*, de confronto e luta contra todos os principados e poderes que negam a vida¹¹.

Este ensaio pretende ser um exercício na teoria e na prática. O próximo passo envolverá então a tentativa de implementar a reflexão antecedente na prática de comunidade. Não seria apenas audacioso, mas seria igualmente impossível delinear um programa geral de promoção da espiritualidade na Igreja. Tendo em vista que a obra do Espírito é liberdade e criatividade, tal tentativa seria inconsistente com os princípios que estamos defendendo.

Porque a maior parte de nossos membros compreende sua fé de modo intuitivo, eles se sentem logrados em nossos cultos onde se usa apenas a racionalidade para explicar a Palavra. Eles procuram satisfazer suas necessidades religiosas. Se não são satisfeitos em nossos cultos, procurarão outras expressões religiosas a fim de suplementar ou substituir nossos cultos. Por conseguinte, as sugestões que se seguem tratam de maneira proposital mais com a intuição do que com a racionalidade.

Liturgia e Estudo Bíblico

O culto é o lugar onde nossa gente se encontra para socializar e reafirmar sua identidade. Estas pessoas vêm com muitas necessidades diferentes e com várias expectativas. Caso estejamos interessados em *comunicar* o Evangelho, precisamos ir ao encontro destas necessidades e expectativas. O Espírito Santo é o grande comunicador (Jo 14.26); mas o próprio fato de que ele foi o promotor da encarnação (“concebido pelo Espírito Santo”) e de que Jesus comunica sua presença — corpo e sangue por meio dos elementos simples do pão e do vinho — também como obra do Espírito demonstra que o “material” (ou seja: o nosso corpo e nossos sentidos) precisa ser ativado como parte da comunicação do Evangelho. Isso não significa que a *palavra* pregada não seja importante, mas sim que a espiritualidade faz uso da natureza intuitiva da pessoa e que é através do intuitivo que precisamos trabalhar. Trabalhar com o intuitivo é estar aberto ao mistério; usar sinais, gestos, símbolos, metáforas e movimentos que apontem para Deus, de sorte que possamos ser *tomados* por Ele. Gutiérrez cita Bonhoeffer dizendo que o único Deus crível é o Deus dos místicos¹².

Em seu sentido específico, liturgia é o trabalho do povo. Liturgia não é algo que acontece somente no culto. Como diz Lutero, liturgia é um entrar diário na cruz que é parte de nossa aliança batismal. Duas palavras deveriam descrever este trabalho que tem sua expressão periódica no culto: celebração e participação.

Provavelmente não se pode proporcionar uma ilustração melhor de celebração extática do que a expressa na tremenda alegria irracional estampada nas faces dos brasileiros em Turim, na Itália, no momento em que o jogador Careca, da seleção brasileira de futebol, fez seu primeiro gol na Copa do Mundo. A celebração não precisa ter tal expressão extática como a dos expectadores brasileiros em Turim, mas para ser espiritual é importante alguma êxtase e muita participação. Precisamos fazer um uso muito maior do movimento e de gestos físicos lá onde nossa liturgia assim indica. A liturgia é basicamente o drama da salvação. Para muitos, a *participação* neste drama comunica mais à fé de nosso povo do que prédicas bastante racionais e teologicamente corretas!

A celebração plena do Batismo oferece um excelente exemplo. Nossos membros são empobrecidos quando este sacramento é realizado com pressa, como um pequeno adendo periférico ao culto. Deixem-me apenas enumerar alguns dos movimentos dentro deste rito que apela à natureza intuitiva ou “espiritual” de nosso povo. Podemos iniciar com o exercício comunitário de cantar o hino batismal. Após isso deveria ter lugar uma procissão dos pais e padrinhos até a pia batismal. Tal ato constitui-se numa nova encenação da travessia libertadora do Mar Vermelho; depois, tem lugar a apresentação dos batizando à comunidade participante. Após o compromisso dos pais e padrinhos e a resposta da comunidade, os pais podem trocar —

se assim o desejarem — as roupas dos batizados (“vistam-se com essa nova natureza”, Ef 4.24). A unção com óleo eleva todos de modo simbólico ao mesmo *status* no Reino. Deveria haver o som da água, bem como o uso abundante de água no Batismo; até mesmo a imersão é possível — temos evidência histórica de que Melanchthon e outros reformadores batizavam por imersão. Mesmo o ato de dar a vela ou o lenço diz muita coisa. A colocação da pia batismal no centro *para que todos vejam* melhora a participação.

Às vezes, ao não perceber a ação espiritual, tornamo-nos culpados de comunicar sentimentos negativos e uma teologia dualista em nossa liturgia. Considere-se p. ex. o ofertório. Na maior parte dos cultos, esta ação é relegada a um gazofilácio no momento em que as pessoas saem da Igreja. Nossa teologia dualista não gosta de misturar dinheiro com o “espiritual”. Mas por esta mesma razão dicotomizamos novamente o material e o espiritual. O simbolismo comunicado no ato de levar a oferta do povo ao altar ou à mesa do Senhor representa uma ação muito importante que era parte constitutiva do culto e da ação social da Igreja primitiva. O pastor faria bem em receber a oferta e colocá-la sobre a mesa com uma oração apropriada de ação de graças, abençoando seu uso para a expansão do Evangelho e o serviço do próximo. Isso seria a ação espiritual interpretando Rm 12.1: “Portanto, meus irmãos, por causa da grande misericórdia divina, peço que vocês se ofereçam completamente a Deus como sacrifício vivo, dedicado ao seu serviço e agradável a ele. Esta é a verdadeira adoração que vocês devem oferecer”. As pessoas precisam ver seu dinheiro, que as representa, abençoado para o uso do Evangelho.

Uma vez que a classe governante utiliza os sentimentos religiosos com o propósito de dominar o povo, e especialmente os analfabetos, há sempre a preocupação de que a natureza religiosa dos menos privilegiados pudesse ser usada para alienar o povo de sua tarefa profética. Esta é sempre um perigo real, mas também uma razão a mais para usar nossa intuição e a intuição deles com imaginação profética. Um exemplo: no nordeste, durante o período da ditadura militar, alguns latifundiários estavam tentando expulsar os posseiros de sua terra mediante o assassinato de líderes camponeses, o incêndio de casas e a destruição das plantações. Um dos bispos locais conduziu o povo em uma procissão, celebrando as estações da cruz. Ao invés de usar as imagens na igreja, o bispo utilizou os locais onde havia ocorrido violência contra os posseiros. A cada estação se faziam orações e se mencionava o motivo para a violência. A polícia ficou furiosa. Mas esta era uma tradição religiosa contra a qual a polícia não tinha poder. Aqui está um exemplo de imaginação profética em que a intuição do povo foi utilizada com o propósito de conscientização. Isso é ação espiritual.

Ao falarmos de liturgia e de aplicação da intuição não devemos esquecer de seu uso em estudo bíblicos. O Novo Testamento surge a partir das *experiências* da primeira Igreja. Como literatura, ele contém poesia, metáforas, parábolas, alegorias, ações culturais e símbolos. Todas estas opera-

ções são intuitivas, e não analíticas; portanto, a arte e o uso criativo de metáforas e de outros elementos intuitivos do texto auxiliam no sentido de tornar a leitura e o estudo do texto mais holísticos. Esta criatividade pode incluir o uso de argila, de pinturas, do sociodrama, de repetição de um refrão de um hino ou de um coro e de muitos outros recursos criativos. Eu mesmo uso expressões contemplativas de Taizé para deixar o texto falar em metáforas. Parábolas ou outros meios criativos rompem com os fatores alienantes de uma sociedade ou ideologia opressora ao escapar dos elementos racionalizadores que buscam adotar e controlar o elemento surpresa (especialmente presente nas parábolas de Jesus) em função de propósitos ideológicos. Isso é parte da obra libertadora do Espírito.

Poderíamos falar das tremendas possibilidades de renovação espiritual por meio da Ceia do Senhor e de todas as suas implicações sociais para o *compartilhamento* e a justa distribuição da riqueza. Também poderíamos falar da preocupação pastoral por aqueles que estão impedidos de participar na Ceia, o que se concretizaria, por exemplo, no envio da parte restante do pão abençoado (*junto com os membros*) para aqueles que estão doentes, confinados ou na prisão; isso seria uma ilustração concreta do amor cristão e da preocupação comunitária.

Estes últimos são apenas alguns poucos exemplos concretos de como a espiritualidade pode renovar a vida da comunidade. Duas indicações de “precaução” têm seu lugar aqui. (1) Assim como não podemos controlar as conseqüências de nossas “palavras”, por mais racionais que possam ser, também não podemos controlar as conseqüências da ação espiritual. O Espírito de Deus é um Espírito livre, não sujeito ao nosso controle ou manipulação. (2) Os pastores e as pastoras precisam ter sensibilidade pastoral. Não podem introduzir formas holísticas ou intuitivas sem a participação ativa dos membros. Sem sensibilidade pastoral, pode-se fazer tremenda violência a uma comunidade carente de preparação *comunitária*. Revendo minha própria memória descobri que a comunidade está muito mais aberta à mudança do que geralmente pensamos. Nós, pastores e pastoras, somos em geral mais relutantes em mudar do que nossos membros.

A verdadeira espiritualidade nos move da apatia consumidora e da consciência do império em direção a uma consciência alternativa. O ministério espiritual é e deve ser ministério profético. Concordo com Walter Brueggemann quando ele diz: “A função do ministério profético é alimentar, nutrir, fazer surgir uma consciência e uma percepção alternativas à consciência e à percepção culturais dominantes à nossa volta”¹³.

Para concluir nossa reflexão, eu gostaria de afirmar categoricamente que a espiritualidade cristã faz uso das partes intuitivas de nossa natureza a fim de produzir mudança. A espiritualidade promove a *imaginação*, e “a imaginação deve vir antes da realização”¹⁴. Cito novamente Brueggemann e leio “consciência da lei” como consciência do “*status quo*” ou da “cultura dominante”:

Nossa cultura é capaz de realizar quase tudo, mas não imagina quase nada. A consciência do rei que torna possível realizar tudo ou quase tudo é a mesma que reprime a imaginação porque esta é um perigo. É por isso que todo regime totalitário tem medo do artista. A vocação do profeta é conservar viva a função da imaginação, conservá-la lembrando e propondo futuras alternativas a cada um daqueles aos quais o rei quer persuadir de que uma única forma de vida é possível¹⁵.

Bibliografia

- AMIRTHAM, Samuel. "Formação Espiritual em Educação Teológica". In: *Simpósio*, São Paulo, 31(6):274-291, 1988.
- BERGER, Peter. *The Sacred Canopy*. Garden City/New York, Anchor/Doubleday, 1969.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade*. São Leopoldo, Sinodal, 1978.
- BRUEGGEMANN, Walter. *A Imaginação Profética*. São Paulo, Paulinas, 1983.
- XVII CONFERENCIA DE INTELIGENCIA DE EJÉRCITOS AMERICANOS (CIEA), Buenos Aires, 1987.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1979.
- HOLMES III, Urban T. *The Priest in Community*. New York, Seabury, 1978.
- LUTERO, Martinho. "Catecismo Menor". In: COMISSÃO INTERLUTERANA DE LITERATURA, ed., *Livro de Concórdia*. 3ª ed. Porto Alegre/São Leopoldo, Concórdia/Sinodal, 1983.
- TIMMERMAN, Joan. Spirituality Speaks; Theology Listens: New Beginnings for Respectful Dialog. In: *Word & World*, 3(1), p. 25ss.

Notas

- 1 H. BRANDT, *Espiritualidade*, p. 79.
- 2 ID., *ibid.*, p. 82.
- 3 Cf. o documento "XVIII Conferencia de Inteligencia de Ejércitos Americanos (CIEA)", 1987.
- 4 Urban T. HOLMES III, *The Priest in Community*, p. 41.
- 5 Joan Timmerman, "Spirituality Speaks; Theology Listens: New Beginnings for Respectful Dialog", p. 25.
- 6 ID., *ibid.*
- 7 O esboço é de Joan Timmerman. O comentário é meu.
- 8 Martinho LUTERO, "Catecismo Menor", p. 371-2.
- 9 ID., *ibid.*, p. 370.
- 10 Walter BRUEGGEMANN, *A Imaginação Profética*, cap. 1-2, p. 9-53.
- 11 Samuel AMIRTHAM, "Formação Espiritual em Educação Teológica", p. 281.
- 12 Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da Libertação*, p. 175.
- 13 Walter BRUEGGEMANN, *op. cit.*, p. 12.
- 14 ID, *ibid.*, p. 55.
- 15 *Ibid.*